

Luciana Rodrigues de Araújo

# VINTE CONTOS DE AMOR, HUMOR E DOR





**Universidade Estadual da Paraíba**

Prof<sup>a</sup>. Célia Regina Diniz | *Reitora*

Prof<sup>a</sup>. Ivonildes da Silva Fonseca | *Vice-Reitora*



**Editora da Universidade Estadual da Paraíba**

Cidoval Moraes de Sousa (UEPB) | *Diretor*

#### **Conselho Editorial**

Alessandra Ximenes da Silva (UEPB)

Alberto Soares de Melo (UEPB)

Antonio Roberto Faustino da Costa (UEPB)

José Etham de Lucena Barbosa (UEPB)

José Luciano Albino Barbosa (UEPB)

José Tavares de Sousa (UEPB)

Melânia Nóbrega Pereira de Farias (UEPB)

Patrícia Cristina de Aragão (UEPB)

#### **Conselho Científico**

Afrânio Silva Jardim (UERJ)

Anne Augusta Alencar Leite (UFPB)

Carlos Henrique Salvino Gadêlha Meneses (UEPB)

Carlos Wagner Dias Ferreira (UFRN)

Celso Fernandes Campilongo (USP/ PUC-SP)

Diego Duquelsky (UBA)

Dimitre Braga Soares de Carvalho (UFRN)

Eduardo Ramalho Rabenhorst (UFPB)

Germano Ramalho (UEPB)

Glauber Salomão Leite (UEPB)

Gonçalo Nicolau Cerqueira Sopas de Mello Bandeira (IPCA/PT)

Gustavo Barbosa Mesquita Batista (UFPB)

Jonas Eduardo Gonzalez Lemos (IFRN)

Jorge Eduardo Douglas Price (UNCOMAHUE/ARG)

Flávio Romero Guimarães (UEPB)

Juliana Magalhães Neuwander (UFRJ)

Maria Creusa de Araújo Borges (UFPB)

Pierre Souto Maior Coutinho Amorim (ASCES)

Raffaele de Giorgi (UNISALENTO/IT)

Rodrigo Costa Ferreira (UEPB)

Rosmar Antonni Rodrigues Cavalcanti de Alencar (UFAL)

Vincenzo Carbone (UNINT/IT)

Vincenzo Milittello (UNIPA/IT)

#### **Expediente EDUEPB**

*Design Gráfico e Editoração*

Erick Ferreira Cabral

Jefferson Ricardo Lima Araujo Nunes

Leonardo Ramos Araujo

*Revisão Linguística*

Antonio de Brito Freire

Elizete Amaral de Medeiros

*Divulgação*

Danielle Correia Gomes

Gilberto S. Gomes

*Comunicação*

Efigênio Moura

*Assessoria Técnica*

Walter Vasconcelos



**Editora indexada no SciELO desde 2012**



Associação Brasileira  
das Editoras Universitárias

**Editora filiada a ABEU**

#### **EDITORA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**

Rua Baraúnas, 351 - Bairro Universitário - Campina Grande-PB - CEP 58429-500

Fone/Fax: (83) 3315-3381 - <http://eduepb.uepb.edu.br> - email: [eduepb@uepb.edu.br](mailto:eduepb@uepb.edu.br)

Luciana Rodrigues de Araújo

# Vinte Contos de amor, humor e dor



Campina Grande-PB  
2021



## Estado da Paraíba

João Azevêdo Lins Filho | *Governador*

Ana Lúcia Costa Feliciano | *Vice-governadora*

Nonato Bandeira | *Secretário da Comunicação Institucional*

Claudio Benedito Silva Furtado | *Secretário da Educação e da Ciência e Tecnologia*

Damião Ramos Cavalcanti | *Secretário da Cultura*

## EPC - Empresa Paraibana de Comunicação

Naná Garcez | *Diretora Presidente*

William Costa | *Diretor de Mídia Impressa*

Rui Leitão | *Diretora de Rádio e TV*

Alexandre Macedo | *Gerente da Editora A União*



BR 101 - KM 03 - Distrito Industrial - João Pessoa-PB - CEP: 58.082-010

Depósito legal na Câmara Brasileira do Livro, conforme Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

**A663v**

Araújo, Luciana Rodrigues.

Vinte contos de amor, humor e dor [recurso eletrônico]. /Luciana Rodrigues de Araújo. – Campina Grande/PB: Latus, 2021.

9.480 kb. - 0000p.; il:color.

**ISBN EBOOK 978-65-994892-6-6**

1. Contos. 2. Fantasia. 3. Crônicas. 4. Histórias.

I. Título.

**CDD B869.93**  
**CDU 398.21**

Copyright © **EDUEPB**

*A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.*

# ***SUMÁRIO***

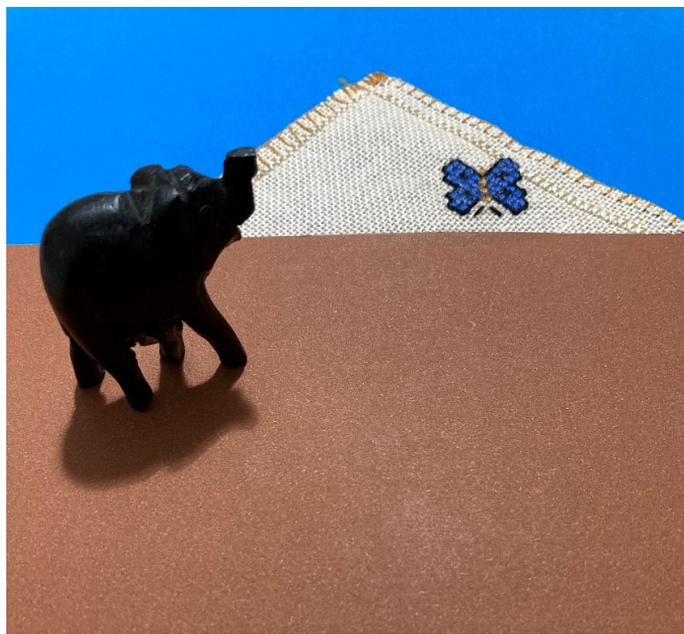
APRESENTAÇÃO,	7
O ELEFANTE E A BORBOLETA,	8
VOVÔ E O FUSCA,	13
A GALINHA QUE RESOLVEU SER GENTE,	16
SOB A LUZ DA LUA,	20
MAROCA,	24
O INOCENTE,	26
HISTÓRIA DO GARANHÃO CHIFRUDO,	29
TI TONHO,	33
SALOMÉ,	35
LENICE,	38
O CAVALEIRO QUIXOTE E A PRINCESA DE PORCELANA,	42
PAI GISÉ,	45
O NOIVO,	48
O SANTO,	51
A ESTRADA,	55
A CASA DE MARGARIDA,	58
A BRUXA,	62
A CARTA,	68
O MENINO,	71
CONSUMO ZERO,	75



# *APRESENTAÇÃO*

**S**endo este o meu primeiro livro publicado, não poderiam faltar fotografias. Fotografias feitas em horinhas de isolamento e pequenos cenários montados na mesa de jantar, que há meses não é posta para as refeições em família, resultaram na ilustração de Vinte Contos, de Amor, Humor e Dor. Impossível descrever em poucas linhas tudo o que transferi para este livro, escrevê-lo não foi um desafio; foi praticamente uma catarse, um grande e precioso processo terapêutico. De repente, saltitar entre os Contos de Amor, Humor e Dor me fez compreender um pouco melhor a realidade; afinal, assim é a vida - complexa, inconstante, cômica e por vezes suave. Tanto os personagens, quanto os contos, vagueiam entre a fantasia e a realidade; alguns, facilmente identificáveis, outros nem tanto. Enfim, Vinte Contos de Amor, Humor e Dor nada mais é do que o fruto da imaginação e das prováveis lembranças dessa aprendiz de escritora.

# ***O ELEFANTE E A BORBOLETA***



Certa manhã de Primavera, lá pela África do Sul, uma pequena Borboleta, de no máximo quatro centímetros, pousou na tromba de um enorme elefante. E o elefante, imóvel para não assustar a inesperada visitante, pensou:

- Por que uma borboleta tão frágil vem descansar justamente sobre mim? Será que ela é muito corajosa? Ou não tem noção do

perigo? Em todo caso, é melhor ficar bem quieto para não assustar a coitadinha.

A borboleta ficou por ali durante alguns minutos e depois saiu “borboleteando” pela selva. Elefante passou o resto do dia impressionado, pensando em Borboleta, ela era tão linda, tão frágil, tão colorida, tão alegre, tão sensível, tão meiga, tão... tão... Acabaram-se os adjetivos de seu parco vocabulário e mesmo assim continuou pensando... pensando... a noite foi longa e inquieta.

No dia seguinte, logo após o nascer do Sol, Borboleta veio voando de mansinho e pousou em Elefante que mais uma vez se manteve imóvel para não assustar tão singela dama. Vários dias se passaram e as visitas se tornaram uma rotina, Borboleta ficava horas e horas visitando Elefante. Não havia diálogo propriamente dito; visto que falavam línguas bem diferentes, mas havia tamanha sintonia que os dois se entendiam perfeitamente bem.

Borboleta sabia que tudo o que Elefante mais queria era sair “borboleteando” pela selva ao seu lado, mas havia algo que a pequenina por mais que se esforçasse não conseguia entender:

- Por que será que um elefante tão grande, tão forte e tão poderoso pode querer ser igual a mim, uma borboleta tão frágil e indefesa? Será que ele desconhece os perigos que enfrento diariamente para chegar até aqui?

Era exatamente por essa razão que Elefante queria “metamorfosear-se”: *para protegê-la*. O fato de ser muito grande e pesado impedia-o de voar e acompanhá-la. Era uma tortura vê-la partindo todos os dias, sem poder segui-la.

- E se algum animal a devorasse? Ou algum colecionador a capturasse? Ainda havia o risco de ventania... Tempestade...

Morreria de tristeza se acontecesse algo de mal com a sua pequena. É certo que a primeira vez que Borboleta pousou em Elefante foi um mero acaso... Parou para descansar de uma longa

jornada, tinha ido colher néctar muito longe e ainda estava a menos da metade do caminho de volta para casa quando, exausta, parou por alguns minutos para renovar as forças. Agora já não era mais obra do acaso, era necessidade mesmo. Muito antes de o Sol nascer, Borboleta acordava para conseguir chegar cedo até Elefante. Eram horas e horas de voo e quando voava de volta para casa corria muitos riscos, pois tamanha distância obrigava-a a voar à noite – tarefa muito arriscada para uma pequena borboleta.

Um dia, Borboleta não apareceu e Elefante ficou impaciente e agitado.

- Será que aconteceu algo de mal? Por que ela não veio? – Perguntava-se o elefante.



O coitado estava aflito e não havia ninguém de sua espécie por perto para desabafar. Na realidade ele morava muito distante dali;

no dia em que Borboleta pousou em sua tromba pela primeira vez, estava apenas descansando um pouco para seguir viagem, mas por causa de sua amada acabou ficando.

Transcorreram mais três dias e nada de Borboleta. A tristeza de Elefante era notória, os animais que por ali passavam sentiam compaixão do coitadinho; até a velha hiena que parece sorrir o tempo inteiro, chorou comovida.

No quinto dia, Elefante percebeu que sua espera seria em vão e resolveu partir em busca de sua adorada. O solitário paquiderme seguiu viagem, observando bem por onde caminhava, olhava cada pedra, cada árvore e cada flor minuciosamente tentando encontrá-la. Após dois dias de busca, finalmente a encontrou. Ela estava bem encolhida, quase imperceptível, descansando sobre uma rocha. Elefante ficou tão feliz, mas tão feliz que se desmanchou em lágrimas. Mas Borboleta permaneceu imóvel; pela primeira vez conversaram através da linguagem oral. Elefante, explodindo de emoção falou:

- Tive medo de não a encontrar. Se isso acontecesse eu morreria. Por que você não foi mais me ver?

E Borboleta, ainda sem dizer palavra, girou um pouco seu pequenino corpo e mostrou que havia perdido uma asa.

- Então foi por isso? – indagou Elefante – Você não consegue mais voar? Foi por isso que não foi me ver?

- Não exatamente – murmurou Borboleta – Até que eu poderia ter ido, demoraria muito mais tempo para chegar porque eu teria de ir caminhando, mas dava para ir.

- Ué? E por que você não foi?

- Porque você está acostumado a receber todos os dias a visita de uma linda borboleta que chega voando; não de uma mutilada que só possui uma asa e não pode mais voar.

- Mas eu te amo. Não seria a perda de uma asa que mudaria o meu sentimento, além do mais você é linda de qualquer jeito, é linda, meiga, suave, delicada, ...

Enquanto falava, Elefante foi reduzindo, reduzindo, reduzindo... Até transformar-se em uma linda Borboleta, medindo pouco mais de quatro centímetros. E o “Borbolefante” saltou para a rocha, para perto de sua amada.

- Calma! Fique parado! – gritou Borboleta – A “Elefantamorfose” ainda não acabou, você está só com uma asa!

E “Borbolefante” irradiando felicidade, respondeu:

- Que nada! Eu já estou pronto. Para que eu quero duas asas se você já tem uma? Separados não iremos muito longe, mas juntos ganharemos o Céu minha querida.

Foi então que Borboleta teve a certeza de ser realmente muito amada, sentiu-se bela e maravilhosa novamente. E os dois partiram, de ‘*mãos*’ dadas, felizes da vida, borboleteando alto pelas selvas da África.



# VOVÔ E O FUSCA



Meu avô volta e meia, com muito orgulho exibia sua carta de motorista. Uma carteirinha muito antiga que de tão amarelada nem dava para enxergar o ano em que fora expedida, mas segundo o vô, sua carteira era mais ou menos do final da Era Vargas. Verdade seja dita, meu *vôzinho* gabava-se demais, dizia até que seu pai, meu bisavô – figura ilustre que não cheguei a conhecer – era um homem de posses, muito bem relacionado politicamente e que sempre possuiu automóvel e ele, na qualidade de primogênito varão, praticamente nascera ao volante. Como se não bastasse, ainda afirmava que em 1959 fora o primeiro motorista a dirigir o primeiro fusca montado no Brasil. Eu sempre soube que Juscelino Kubitschek desfilou a bordo deste carro, mas até hoje não encontrei registro que afirme que o vô tenha realmente dirigido este fusca. Não que eu

ache que seja mentira, longe de mim pensar uma coisa dessas; até mesmo porque eu bem sei que o fusca – de JK à Itamar Franco – sempre foi uma paixão nacional; por isso nada mais natural que o meu avô, que sempre foi meio megalomaniaco, pensasse que dirigiu o 1º fusca “genuinamente brasileiro”. E a pobre da vovó, na qualidade de esposa muito devotada, até hoje nunca negou, nem afirmou essa história.

Acontece que numa bela tarde quando o vô fazia sua caminhada habitual, passou uma “mocinha” vendendo uma rifa para ajudar as criancinhas pobres de um orfanato da cidade e o vovô, apesar de nunca ter gostado de gastar dinheiro à toa resolveu comprar um bilhete; muito mais pela oportunidade de passar uma ligeira cantada na ninfeta que propriamente por caridade. Mas, independentemente das intenções, o bilhete foi comprado. E pasmem... Dois dias depois chega à casa de vovó, cerca de três dúzias de pessoas acompanhando um lindo fusca azul, todo enfeitado; com direito a fogos de artifício, banda de música e toda a equipe da TV local. Vovô havia sido o feliz sorteado.

Como se não bastasse a festividade da cerimônia de entrega do prêmio, o infeliz do jornalista sugeriu que o evento fosse encerrado com uma bela imagem do grande sortudo dirigindo o fusca pelas principais ruas do bairro, acompanhado de sua diletta senhora.

E lá se foram ladeira abaixo, *barbeirando* pelas ruas do bairro: vovô, sua carta de motorista datada de mil novecentos e quarenta e uns e a coitada da vovó, que nunca abandonava seu companheiro, a bordo de um fusca azul, ataviado com bolas brancas e vermelhas e um enorme laço de fita vermelho grudado no teto. Foi um vexame... A TV atrás filmando tudo... A molecada acompanhando o espetáculo e gritando sem parar.

Sorte que o vô não passou da primeira marcha e apesar de sentir-se o próprio Fittipaldi não conseguiu ultrapassar os trinta quilômetros por hora. O que seria uma demonstração de minutos, durou

quase uma hora e passou a ser exibido ao vivo pela TV local.

E quanto mais ladeiras desciam, mais ladeiras apareciam até que o fusca derrapou, subiu pela calçada e se chocou contra um galinheiro, foi pena e galinha para tudo que é lado; a vovó, para livrar-se do vexame tratou logo de desmaiar. O vô que jamais admitia um erro, saiu resmungando do fusca e enquanto limpava a titica de galinha que grudara até em suas sobrancelhas, esbravejou em altíssimo e bom tom:

- Ora, ora, seus paspalhos! Como é que me trazem um fusca falsificado? Logo para mim que fui o primeiro motorista a dirigir o primeiro fusca montado no Brasil.



E a plateia ao invés de sorrir, fervorosamente aplaudia o meu avô e xingava aos berros, o empresário que havia feito a doação do fusca. Foi uma comoção total. Falava-se até em indenização... E a vovó, morta de vergonha, continuava fingindo o seu desmaio.

# **A GALINHA QUE RESOLVEU SER GENTE**

Antonieta sempre dizia que achava muito errado batizarem uma galinha com nome de gente, e pior ainda, com nome de gente *chic*.

Era patético ouvir sua nora gritando no quintal:

- Jeyne! Jeyne! Jeyne, querida, mamãe trouxe seu milhinho.

Tudo bem que sua nora tivesse afinidade com a galinha, afinal o que diferia uma da outra eram basicamente as penas. Que Totonho, seu filho, não lhe ouça porque sabem como é, né? Sogra até calada está errada. E ainda mais ela que morava de favor na casa de seu filho. Não que achasse que era exatamente um favor, afinal de contas dedicara grande parte da vida para mimar o seu rebento e era obrigação dele retribuir tudo que sua mãezinha havia feito ao longo de tantos anos.

Mas era irritante, ouvir aquela voz melosa da nora gritando por Jeyne o tempo inteiro como se Jeyne fosse gente de carne e osso. E como se não bastasse, de uns dias para cá Antonieta vinha percebendo um quê de muito estranho na galinha. Sabe aquele ar de superioridade, de mulher *perua* que se acha muito importante? Pois é. Mas, mesmo percebendo tudo isso, teve que ficar calada porque afinal de contas não passava de uma pobre sogra e falar mal de Jeyne era o mesmo que estar insultando a nora.

Além do mais, Totonho poderia tomar as dores da ofendida e expulsá-la de casa. Já imaginou? Ser escorraçada da casa de seu próprio filho por causa de uma galinha? Ou melhor, por causa de duas galinhas? Seria terrível. As amigas fofoqueiras teriam assunto para mais de mês. E ainda por cima tornar-se-ia uma sem-teto porque o cachaceiro de seu marido, antes de ir a óbito, fez-lhe o favor de beber tudo o que tinham. Não lhe deixou um vintém sequer de

herança e para sorte sua não deixou dívidas, o que seria bem pior. Mas, deixando o falecido de lado, Antonieta sabia muito bem que algo estranho estava acontecendo com Jeyne. Aquela galinha não estava legal.

Durante o almoço, sutilmente, sem querer afastar-se de sua condição de sogra, sugeriu em leve tom de brincadeira que não seria nada mal se fizessem um cozido com a estimada galinha, posto que a mesma já estava ficando um tanto velha e brevemente sua carne não serviria mais para consumo.



Antes tivesse ficado calada. Desencadeou-se uma cena grotesca, a nora ciscando sem parar, cacarejava aos berros:

- Na minha Jeyne ninguém põe as mãos. Ai de quem mexer numa pena sequer de minha queridinha.

Foi um escândalo! E Totonho, como não poderia ser diferente, tomou as dores das penosas, vociferou meia dúzia de palavras e ordenou que Antonieta cuidasse de seu tricô e deixasse a galinha da sua mulher em paz.

Antonieta levantou-se indignada, resolveu lavar as mãos; afinal, tentou ajudar e foi mal interpretada. Subiu as escadas cuspidando fogo e com um certo veneno, inerente à categoria das sogras, praguejava baixinho:

- Deixe estar que esta galinha (a nora) me paga! Porque a justiça se não vir a galope, virá ciscando e eu não moverei uma palha para ajudá-la.

Dez dias se passaram e Antonieta continuou na sua, quando não fazia crochê, tricotava e limitava-se a falar sobre a novela e o noticiário.



Tudo parecia muito tranquilo, até que a bípede emplumada entrou dentro de casa pela porta da frente e resolveu cantar de galo. Foi um Deus no acuda.

Jeyne falando pelos cotovelos, ou melhor dizendo, pelas asas decretou que a partir daquele célebre dia, seria a dona da casa, haja visto que deixaria de ser galinha e se tornaria gente. Afinal, apesar de não ter RG, tinha nome e um nome de gente muito *chic* porque pelo que já tinha escutado falar nos galinheiros da vida “*ipsilone*” era uma letra muito importante, lá dos estrangeiros e sendo assim, ela quem merecia mandar na casa; não a sua dona que nem “*ipsilone*” tinha.

E mais uma cena, digna de Dante, desenrolava-se: a nora como era de costume, cacarejando, mandava a galinha de volta para o quintal e a galinha toda encrespada, de salto alto e batom vermelho, bicava a nora empurrando-a para o galinheiro.

Nesse ínterim, Antonieta que até então, pensava que os iguais sempre se entendiam, sorriu com leve ironia e voltou para o seu quarto, arriscando um ligeiro palpite de que o cardápio do jantar daquela noite seria uma apetitosa canja de galinha.

## ***SOB A LUZ DA LUA***

Por volta das 18:00h eu estava chegando em casa e vi o meu novo vizinho sentado no muro, olhando o céu. Era um garoto franzino de uns doze anos. Ele olhava para o céu tão fixamente que parecia alheio aos acontecimentos terrenos. Quando me aproximei, ele perguntou:

- A Lua já saiu?



Ao que eu, não muito educadamente respondi:

- Você fica parado aí um tempão de olho grudado no céu e vem me perguntar se a Lua saiu? E eu lá sei de Lua. Nem de Lua eu gosto.

- Pois eu gosto muito – disse o meu vizinho – apesar de não

poder vê-la.

Fiquei bastante envergonhado. O garoto não enxergava. Tentando reparar minha falta de sensibilidade e extrema ignorância, sentei-me ao seu lado e fiquei esperando a Lua também. Aos primeiros raios lunares comecei a gritar eufórico:

- A Lua! A Lua! É ela, ela está chegando!

E ele sorrindo, ironicamente me disse: - Calma rapaz, fale baixo, eu sou cego, mas não sou surdo.

Começava ali, uma grande amizade. O tempo foi passando e continuamos inseparáveis, íamos juntos para todos os lugares. Quando íamos ao cinema, eu descrevia todas as paisagens que apareciam e ele ia interpretando o filme. Nunca fui exatamente um *'cara'* inteligente, meus colegas costumavam me chamar de *"louro burro"*, mas meu amigo sabia tudo, de Política à Astronomia. Descrevia a Lua nos mínimos detalhes, falava do brilho, das formas e tamanhos de cada fase lunar com tanta precisão que às vezes, custava-me crer que ele não enxergasse.

O tempo passou, crescemos e não perdemos o hábito de vez por outra nos sentarmos no muro e ficar olhando a Lua. E todas às vezes eu ficava imaginando uma maneira de fazer com que meu amigo também enxergasse nosso satélite. Indignava-me saber que seu grande sonho era simplesmente ver a Lua, coisa que eu e milhões de pessoas podíamos fazer quase que diariamente e sequer valorizávamos. Nesses momentos eu me revoltava, xingava a vida, xingava tudo e todos e foi num desses dias que percebendo minha irritação extrema, ele me fez enxergar a verdadeira essência da vida, dizendo:

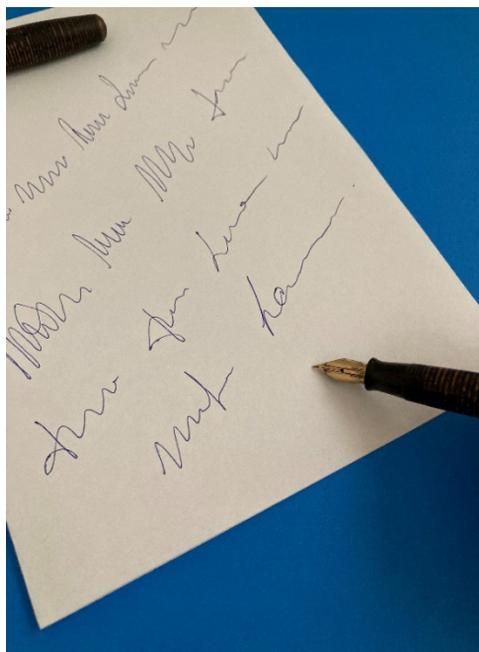
- Meu amigo, há mais de dez anos que te conheço e até hoje sempre me senti como se fôssemos iguais. Deixe de besteira porque

você sabe que eu sou o cego que mais vê. Eu vejo com a minha alma e com seus olhos. Quando te conheci, julgava já saber tudo sobre a Lua, mas você – *com apenas um par de neurônios* – me fez enxergar a Lua e a vida de verdade. Hoje assisto filmes, danço rock e ainda paquero as garotinhas na praça porque você dita muito bem as coordenadas. Até pular o carnaval eu pulei naquele bloco ridículo que você inventou: *guia de cego e cego de guia: uma dupla que vê longe*. Quando lembro, nós dois montados naquele Boi carnavalesco pelas praças da cidade...



Sinto muito, mas não acho que você tenha motivos para revolta. Afinal foi você mesmo quem disse que eu enxergo. Portanto, deixe logo de besteira, já és um excelente guia, não precisas agora ficar querendo brigar com o mundo. Eu sou cego e pronto, mas que eu vejo, vejo...

Finalmente aprendi a lição. Há cinco anos não nos ‘*vemos*’, meu amigo atualmente trabalha em uma renomada Agência de Pesquisas Espaciais, vive pesquisando e ‘*olhando*’ o céu; agora sim, ele sabe tudo sobre este “espetacular satélite da terra, de beleza ímpar” como ele tanto dizia e quanto a mim, que nunca imaginei que algum dia me dedicaria às letras, vivo de compor versos para a Lua.



# MAROCA



Maroca, fofoqueira de carteirinha, dava conta da vida de todo mundo. Cinco horas da manhã e ela já estava espiando a vizinhança. Não se sabe a que horas aquela mexeriqueira dormia, posto que também era bastante inteirada dos acontecimentos noturnos da rua.

Sabia que a vizinha do lado chegava às três da manhã; que a

Creuzinha namorava um homem casado. Que a moradora do casarão da esquina bebia cerveja, que o Fenelon – com aquela pinta de boy, ganhava um salário-mínimo e sabia até que a Jane passava as manhãs falando ao telefone.

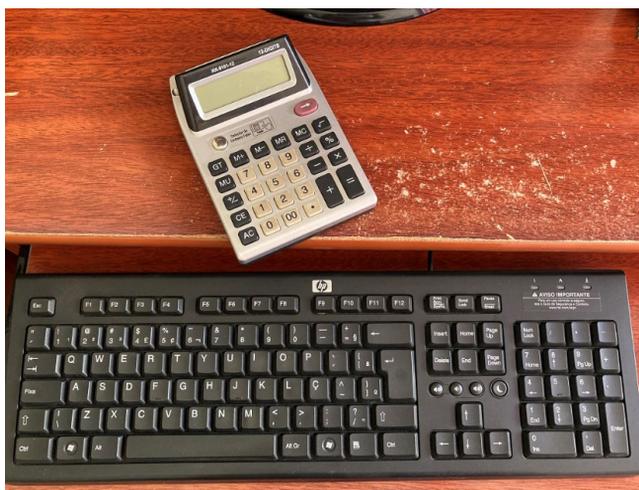
A mulher era um noticiário ambulante. Sabia de tudo e quando não sabia inventava. Até que um dia ocorreu um ‘*babado*’ forte em sua casa, coisa ‘*cabeluda*’, que daria para render uns três meses de fofoca. Nesse dia, Maroca não dormiu, passou vinte e quatro horas acordada e nem conseguiu ir para a janela. Estava muito preocupada, todos iriam comentar; sua vizinha fofoqueira, então, sairia espalhando a novidade para o bairro inteiro. Num minuto todos saberiam e quando saísse de casa e passasse *humildemente* pela rua todos fofocariam pelas suas costas. Seria terrível... Mas, durante a torturante insônia, Maroca teve uma brilhante ideia. No dia seguinte, como de costume, saltou da cama às cinco da manhã e fazendo jus à sua condição de fofoqueira convicta pegou a vassoura e foi para a rua fingir que varria.

Cada vizinho que passava Maroca logo abordava: - Criatura, nem te conto! Tu nem imagina o que aconteceu lá em casa...

E para concluir a história dizia: - Resolvi contar logo antes que os fofoqueiros da rua resolvessem comentar. Sabe como é, né? Esse povo adora anunciar a desgraça alheia. Mas também, já que a notícia vai se espalhar mesmo é melhor que seja espalhada por mim que detesto fofoca.

# O INOCENTE

Agência bancária lotada, sistema saindo fora do ar, início de mês, pagamento de aposentados e pensionistas, entrega de cartão magnético para funcionários da Prefeitura, ar-condicionado quebrado, um calor infernal e Godofredo sozinho no atendimento ao público.



Chegou a vez de atender uma senhora que iria abrir uma caderneta de poupança. Godofredo sentado diante do computador aguardou alguns minutos que a senhora se sentasse, mas ela permaneceu em pé; então ele educadamente sugeriu:

- A senhora pode sentar-se.

Mas a mulher respondeu que não precisava não, estava muito bem de pé. Foi o suficiente para começar a peleja. Godofredo mais uma vez, ainda educadamente sugeriu:

- Mas a senhora se sente porque o sistema está muito lento e vai demorar para eu concluir a abertura da conta.

- Tudo bem meu filho, não tem problema – respondeu ela – eu espero em pé mesmo.

- Como em pé? – falou Godofredo já ligeiramente irritado – a senhora acha que eu vou ficar aqui feito um mal-educado, a senhora em pé e eu sentado? De jeito nenhum!

- Então se quiser se levante – argumentou a senhora – porque eu não vou me sentar. Estou muito bem de pé.

- Se a senhora está com nojo de sentar não se preocupe porque a cadeira já está fria.



- Né nojo não menino, é porque eu não quero me sentar!

- Mas a senhora tem de se sentar, é muito feio ficar em pé.

- Que nada! Feio é roubar. Ficar em pé é ficar em pé, não tem

nada de mais.

- Tudo bem – falou já irritadíssimo – depois a senhora vai ficar cansada e vai sair daqui resmungando e reclamando do atendimento.

- Se ao invés de perder tempo, mandando eu me sentar, você estivesse fazendo seu trabalho, a essa hora eu já estaria indo pra casa.

- Ah, é né? Quer dizer que a senhora fica aí em pé, feito um dois de paus, me atrapalhando e a culpa é minha?

- Eu mesmo não estou atrapalhando nada! Você que é um inocente.

- Eu sou o quê?...

Os demais clientes começaram a reclamar pela demora e Godofredo teve de prosseguir com o atendimento.

- A senhora vai me deixar com torcicolo de tanto eu ficar olhando para cima, se sentasse não me causaria tantos problemas.

- Então não olhe pra mim, pergunte que eu respondo. Afinal o menino escuta com os ouvidos, ou com os olhos?

- Sinto muito, mas eu não sou menino não. E meu pai me ensinou que eu devo olhar para as pessoas quando estou falando com elas.

- Tudo bem, se quer olhar olhe, depois não diga que eu torci seu pescoço.

Mais quarenta minutos de confusão e Godofredo conseguiu finalizar o trabalho. Quando a mulher ia saindo, voltou-se para as pessoas que aguardavam na fila e falou sorrindo:

- Coitado! É um inocente. Quem já viu implicar com uma bes-tagem dessa?!

Godofredo chamou o próximo e foi logo dizendo: - Bom dia! Se quiser sentar que sente, eu mesmo não vou oferecer não.

# ***HISTÓRIA DO GARANHÃO CHIFRUDO***

**N**atécio, assalariado, boa pinta, machão metido a garanhão, gabava-se dizendo: - Mulher para mim é que nem dinheiro, quanto mais melhor. Minha esposa mesmo sabe que eu sou um cabra errado, mas não largo dela e ela aceita e respeita. É uma mulher muito caseira, vive de casa para o trabalho e toda quarta-feira de tarde – de tarde porque mulher minha não é vadia pra está saindo de casa sozinha à noite – é voluntária numa creche, cuidando de criancinhas, é uma santa. Chega em casa tão cansada que faz pena. Insisto para ela deixar de ser tão caridosa, mas não tem jeito, quem nasceu pra fazer bondade, não perde o feito.

Em uma bela tarde de quarta-feira, quando Natécio chegou para trabalhar recebeu a notícia de que a fábrica havia decretado férias coletivas por uma quinzena. Os amigos o chamaram para uma sessão de cachaça, mas o garanhão estava sentindo uma forte dor de cabeça e resolveu recusar o convite.

- Vou não – disse ele – é melhor eu ir pra casa descansar um pouco que estou com uma dor de cabeça de lascar.

- Devem ser os chifres – zombou um de seus colegas.

- Bata na boca antes de falar uma coisa dessas, eu sou muito é macho e mulher minha não precisa arrumar outro não, eu dou muito bem conta do recado. Chifre, eu boto, mas não levo.

Quando ia chegando em casa, Natécio viu um carro estacionado em sua porta, achou melhor esperar um pouco, certamente era alguma amiga de sua mulher e estava com muita dor de cabeça para aturar conversa cor-de-rosa. Após cinco minutos, saem de sua

casa, nada mais nada menos que sua esposa com um tremendo de um boa pinta. Num minuto Natécio pensou um milhão de coisas: - deve ser o rapaz da companhia telefônica... ou um entregador... ou o motorista da creche... o padeiro. Ou será um amante? Não, não poderia ser, sua mulher não faria uma coisa dessas, ainda mais com ele. Não, não era possível.



Os dois entraram no carro, apenas conversando, sem demonstrar intimidades. Natécio resolveu segui-los. Durante todo o percurso continuaram sem intimidades, passaram até em frente a uma creche, mas seguiram adiante, e... entraram em um motel. O garanhão pegou o celular e ligou; rapidamente sua mulher atendeu: - Oi

amor, estava pensando em você agora mesmo. Você está na fábrica, não está?

- Estou – respondeu secamente.

- Ainda bem! – falou ela quase suspirando.

- Ainda bem por quê?

- Por nada – respondeu cinicamente – É porque tem tanto trabalho aqui na creche hoje que eu acho que vou chegar mais tarde.

- Tudo bem – respondeu o chifrudo.

O garanhão não podia acreditar.

– Como é que ela teve coragem de fazer uma coisa dessas comigo?

– pensava – Quer dizer que essa era a creche?

Foi para o bar encontrar seus companheiros de cachaça, precisava desabafar.



Bebeu todas, ouviu uma centena de músicas de *'sofrência'* e contou tudo aos companheiros. Um deles aproveitou o ensejo para comunicar que não era novidade, todo mundo já sabia que o amigo era o maior chifrudo da região, só ele desconhecia tal fato. E Natécio... Sentindo ainda aquela tremenda dor na cabeça, ou melhor dizendo, nos chifres, descobriu que ele e sua mulher eram quase que absolutamente iguais; o que diferia um do outro era apenas o fato de que sua mulher era muito mais esperta, agia à surdina e aproveitava muito bem as quartas-feiras à tarde, enquanto ele, desperdiçava muito tempo se gabando.



Cuidou de tomar logo a saideira; advertiu aos amigos que aquele assunto se encerrava ali, afinal não era homem rancoroso e não queria perder sua mulher por nada. Daquele dia em diante, não ousou voltar mais cedo para casa às quartas-feiras.

# TI TONHO

Ti Tonho, que é tio de Zequinha adorava contar histórias de mal assombro, dizia – mas não acreditava – que lá pros lados do Floreio, no lajedo grande onde o povo da região colocava mandioca para secar dentro das cacimbas, havia assombração e das bravas.



Numa noite de Lua Ti Tonho voltava de um forró no Sítio Mumbuca, montado em seu cavalo Campeão. Quando ia trotando perto do lajedo, Campeão empacou feito uma mula, firmou as patas no chão e não deu mais nenhum passo. Ti Tonho, que nunca foi muito dado à valentia, ensopou as ceroulas de tanto medo.



Sem uma gota de sangue no rosto, virou-se lentamente para o lajedo e em meio às mandiocas, viu dezenas de almas penadas, esticadinhas nas rochas como se estivessem descansando e tomando banho de Lua.

O susto foi tão grande, mas tão grande que o coitado apeou e saiu correndo no meio do mato, sem sequer olhar para trás.

Diz o povo que até hoje o cavalo Campeão é visto vagando em noite de Lua cheia lá pelo lajedo grande.

Já estive várias vezes no sítio de Ti Tonho, que não é tio meu, tentando obter mais informações sobre essa estória, mas Zequinha disse que seu tio não fala nesse assunto de jeito nenhum porque quem comenta muito sobre assombração acaba virando alma perdida, lobisomem, bicho ruim, fantasma, alma danada ou coisa parecida.

# *SALOMÉ*

**M**anhã de domingo. Tinha tudo para ser um domingo tranquilo, como tantos outros, mas... Adelaide cismou ser a reencarnação de Salomé e como se não bastasse, jurava crer que o pobre do Armando, seu marido, era o próprio João Batista.



Armando, suando frio, apavorado ligou para o psicanalista:

- Doutor, minha mulher Adelaide agora é Salomé.
- Parabéns Armando, Salomé é um lindo nome.
- O senhor não está entendendo, ela encarnou Salomé e está achando que eu sou João Batista.

E o médico muito tranquilamente – Calma rapaz, Adelaide está tendo um surto.

- Ora calma – retrucou Armando – Sua tranquilidade deve-se ao fato de que não é a sua cabeça que está prestes a rolar.

- Tudo bem, relaxe – ordenou o médico – Estejam amanhã pela manhã, logo cedo no consultório que eu irei atendê-la.

- O quê? Amanhã? O senhor está louco? E se amanhã eu já estiver decapitado?

E o médico sorrindo – Ora, ora, meu jovem, se só moram vocês dois não haverá quem seja Herodes para ceder aos encantos de Salomé e ordenar que lhe arranquem a cabeça, também não haverá quem incorpore o carrasco para executar a ordem. Armando respirou tranquilo, as palavras do doutor faziam sentido.

Resolveu voltar para a cama e relaxar um pouco. Afinal, sempre fora um homem bastante equilibrado e não seria um surtozinho temporário de sua mulher que o faria perder a cabeça...



Ou seria? Segunda-feira, meio-dia e meia. Toca o telefone...

- Alô!

- Boa tarde Adelaide, aqui é o doutor Ramos, como tem passado?

- Muito bem, doutor – Respondeu Adelaide.

- E o Armando? – Indagou sutilmente o médico.

- Ah! Doutor. Nem lhe conto. O senhor não vai acreditar: o coitado perdeu a cabeça... Estava deitado lendo o jornal, quando de repente saiu correndo de casa com pijama, jornal e tudo e até agora não voltou.

- Estranho... E qual era o jornal que ele estava lendo?

- Nem sei, fiquei tão atônita que não prestei atenção. Só lembro bem que em uma das manchetes estava escrito:

SALOMÉ RESOLVE FAZER JUSTIÇA COM AS PRÓPRIAS  
MÃOS.

# *LENICE*

Lenice acordou especialmente mais introspectiva que de costume, Lamanheceu com vontade de ouvir pouco e falar menos ainda. Também não estava para devaneios, nem para analisar a essência da condição humana. Decididamente não estava nem um pouco dada a filosofias. Tampouco a convescotes. Mas, como nem tudo sai conforme queremos ou planejamos, mal se ergueu da cama e tocaram o interfone. Teve vontade de não atender, visitas àquela hora da manhã, justo num dia em que não estava a fim de conversas, era demais. Entretanto, para depois não ficar com a consciência pesada, resolveu atender.

- BOM DIA SENHORA!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

Sabe aquele “Bom Dia” de vendedores domiciliares, ou de funcionários de telemarketing que ligam insistentemente oferecendo seus produtos e serviços? Pois bem, há poucos metros, mais precisamente na calçada de sua casa, diante de seu interfone, justamente num dia em que não estava querendo conversas, havia alguém efusivamente gritando bom dia e ainda por cima, para derrotar sua pouca autoestima chamando-a de senhora, só para lembrar que já não tinha mais o timbre de voz de uma adolescente.

- Pronto! Só falta ser um vendedor – pensou rapidamente, mas como já havia atendido falou secamente – Diga o que o senhor deseja.

- Vim entregar um telegrama animado.

E ela que não estava nada animada disse que ele lesse o telegrama rapidinho e fosse embora.

- Não posso senhora, há uma coreografia, a senhora precisa ver, senão não recebo o meu pagamento.

- Sete horas da manhã, em pleno domingo é fogo né? Tinha hora melhor para vir não?

- Mas senhora, quem lhe enviou a mensagem disse que a senhora acorda às cinco da manhã.

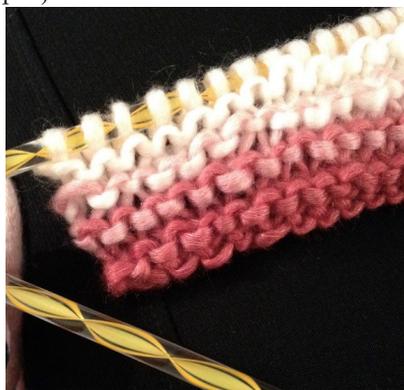
- Estão de gozação comigo, só pode ser, tudo bem, espere um pouco que já vou, mas não me chame mais de senhora!

- Tudo bem senhora, não chamarei mais, me desculpe é que minha mãe me ensinou a respeitar os mais velhos.

- O que? Está me chamando de velha seu moleque!?

- Não senhora, ôps desculpe, só estou querendo fazer o meu serviço e ir embora.

- Espere aí que já vou.



Desligou o interfone ainda com mais raiva e resmungou – Onde já se viu uma coisa dessas, nem me conhece e me chama de velha.

Só para fazer o mal, demorou bastante trocando de roupas e

quando ia se dirigindo à porta, o interfone tocou novamente:

- Diga!!!!!!!!!!!!!!!
- A senhora está bem? Aconteceu alguma coisa?
- Claro que estou bem, só estava me trocando.
- Ah bom, me desculpe, pensei que a senhora estivesse empolgada fazendo seu tricô e tivesse esquecido de vir abrir a porta.

A essa altura ela já estava a ponto de explodir de tanta raiva. Não respondeu nada e foi abrir a porta. Quando abriu o portão, deparou-se com uma figurinha franzina, vestido de vovó bondosa, com o rosto corado, segurando um enorme e pesado vaso com flores; todo suado e cantando uma musiquinha que homenageava as avós.



Quando a viu, o rapaz teve um susto.

- Mas tão nova e já é avó?

- Ora essa, nem filhos eu tenho que dirá netos!

A mensagem era para sua vizinha, uma senhora de uns 90 anos e que é avó de um batalhão de netos.

Depois dessa decidiu que não iria mais acordar com vontade de ficar sozinha quieta na sua, sem falar com ninguém. Parece que muitas vezes conseguimos exatamente o oposto do que almejamos. Tomou um belo banho, vestiu uma bela roupa e foi para o clube *bater papo* com os amigos. Definitivamente aquele não era um bom dia para adotar a solidão como companheira.



# ***O CAVALEIRO QUIXOTE E A PRINCESA DE PORCELANA***

Ele trajava um velho terno preto, justo e curto; camisa azul e gravata multicolorida, com todas as cores do arco-íris e da esperança. Ela, a princesa, era tão pálida; esmaecida da tez às vestes.



Quisera eu naquele momento, na força de toda a minha ignorância para decifrar os assuntos de quimeras, imaginar o que se passava naquelas cabeças, tão sonhadoras, tão ilustres.

O cavaleiro Quixote, dotado de um dom inerente aos potencialmente sonhadores, construiu o seu castelo; edificou paredes, adquiriu mobília e tudo o mais que seria necessário para a feliz sobrevivência de sua amada princesa. Quando tudo ficou pronto partiu para resgatá-la. A princesa de Porcelana que trazia pouca, ou mesmo nenhuma bagagem; seguiu feliz, cheia de planos, de sonhos e outros devaneios mais. Parece-me que um completava exatamente o outro, sem sobrar, ou faltar e sendo ambos tão diferentes dos demais e tão iguais entre si, tornavam-se muito mais completos e *'normais'* que os demais personagens da vida cotidiana, que sequer ousam sonhar; apenas sobrevivem de aparências e convenções. Não é fácil construir moinhos de vento, tampouco fazer-se aceitar pelos que não sabem, não querem, ou simplesmente não podem construir seus próprios moinhos.

De repente, o cavaleiro Quixote e a princesa de Porcelana me fizeram embarcar em uma análise profunda e ao mesmo tempo simples da existência humana. Por que queremos tão mais do que precisamos? Por que o necessário não nos basta? Por que ao invés de simplificar, complicamos tanto? Por que o dia de amanhã, muitas vezes nos parece tão mais importante que o dia de hoje?

Por incrível que pareça; muitas destas respostas habitam nesse casal, talvez eles - nas suas mais ingênuas atitudes - possuam uma essência que muitos de nós não conseguimos enxergar, exatamente porque nos falta o dom de quixotear pela vida, de acreditar que o que imaginamos é, ou será real algum dia.

Dentre os itens indispensáveis ao cavaleiro Quixote estavam um velho guarda-chuvas, tradicionalmente preto e de cabo longo; uma mochila abarrotada de objetos e de quando em vez, uma pochete que apesar de estar bem fora de moda, combinava harmonicamente com o cavaleiro.



Segundo me contaram, já não estão vivendo e sonhando juntos; ninguém sabe por onde anda o cavaleiro, quanto à princesa de Porcelana, retornou ao antigo sobrado. Há quem diga que a falta de maturidade, foi a causa do epílogo do enlace... porém, creio eu, que tenha sido o peso da pressão dos que se julgam 'socialmente corretos' e destroem os anseios dos sonhadores.

# *PAI GISÉ*



Pai Gisé chegou muito atrasado no terreiro e não teve tempo de ficar, como de costume, escutando a conversa da clientela na sala de espera. Era justamente desta forma que o malandro se inteirava mais ou menos dos problemas de seus clientes. Sabe como é. As pessoas enquanto aguardam a vez de serem atendidas, normalmente falam demais e basta que estejam duas ou mais reunidas, para debulharem em fração de segundos toda sua vida pessoal.

Assim, quando entravam na tenda de Pai Gisé, ele já sabia de

quase tudo o que elas queriam e aí era só fazer umas previsões para o futuro, tecer alguns comentários do passado e baixar o santo quando necessário. Normalmente, cerca de 80% da clientela que frequentava a Tenda do Entardecer estava ali para comunicar-se com algum ente querido, ou para acertar as contas com algum desafeto que obviamente já estivesse partido desta para melhor, ou ainda para trazer de volta a pessoa amada.

E foi exatamente por causa desse atraso que o mal-aventurado vidente se meteu numa tremenda de uma saia justa. Seu assistente, um rapaz de muitos músculos e pouquíssimos neurônios escutou toda a conversa que rolou na antessala, mas não associou a história à figura. O tonto sabia que uma das madames queria falar pela última vez com o seu dileto marido, um comendador não sei das quantas que partira subitamente; outra queria acertar as contas com um caloteiro que bateu as botas e não pagou o que lhe devia; uma terceira queria manter contato com o seu amante, um garanhão maravilhoso, esplêndido, um verdadeiro espetáculo que atendia pelo apelido de Jorjão. Também estava aguardando atendimento um senhor de terno e gravata que queria saber onde sua falecida esposa havia escondido as joias da família e um jovem rapaz que queria um conselho para trazer de volta a mulher amada. Além desses, mais umas duas ou três pessoas que estavam ali apenas por curiosidade.

Enfim, a confusão estava formada e Pai Gisé teria que usar seu *faro* para receber o espírito certo, na hora certa e com o cliente certo. Mas o coitado se deu mal. A primeira pessoa a entrar na tenda, foi uma mulher de meia idade, muito bem apessoada. Trajava um discreto conjunto de saia e blusa. Não parecia viúva porque geralmente as viúvas andam um tanto quanto mais enfeitadas, com o intuito de fisgar novo marido. Também não parecia ter um amante, visto que era muito séria e tinha ares de recatadíssima. Logo, por eliminação, só poderia ser a mulher que estava querendo acertar as contas com o caloteiro. Mas não era... E foi assim que o machão convicto,

alcunhado de Jorjão, mas que jurava que só tinha uma única amante e que jamais extrapolaria o triângulo amoroso, levou fama de Don Juan depois de finado. Pois bem, Pai Gisé incorporando o caloteiro falou em voz malandra e suave: - Querida não me leves a mal. Tentei agir honestamente contigo, mas não pude, havia muitas pendências além da sua; me entenda e me perdoe essa tão grande dívida. Qualquer dia...

Antes que Pai Gisé falasse em dinheiro, a mulher desceu dos saltos, pulou da cadeira e avançou no pescoço do vidente, gritando enfurecida: - Jorjão! Seu cachorro!! Você tinha outra amante além de mim?

Quando é que aquele pai-de-terreiro de araque iria imaginar que uma mulher tão distinta e recatada teria um amásio e que ainda por cima era um tremendo Jorjão?

Não fossem os demais clientes que aguardavam na antessala e o *'inteligente'* do secretário, Pai Gisé a estas horas seria um homem morto. Passado o susto, o malfadado vidente resolveu sair de férias. Ao retornar à labuta, substituiu o secretário por um circuito interno de TV e um moderno equipamento de escuta... Queria preservar seu adorável pescoço.

# O NOIVO



Adamastor queria uma cerimônia simples, não era chegado a badalações, mas Maria valorizava muito mais a cerimônia que propriamente o casamento. Queria sair na coluna social, ser manchete do jornal Diário. Quem sabe até não saiam na TV? Seria o máximo: vestido bordado com pérolas, strass e fio de ouro; véu medindo três metros e meio, bolo de cinco andares, Adamastor de fraque, orquestra sinfônica, ruas interditadas, champanhe francês, limusine, pétalas de rosas...

A menos de um mês para o casamento, Adamastor descobriu um rombo faraônico em sua empresa, estava à beira da falência. Criou coragem. Contou tudo à Maria. Teriam que desistir da festa, se casariam modestamente em uma pequena igreja, cerimônia só para a

família e amigos muito próximos; afinal, o importante era a benção divina. Futuramente quando a situação se equilibrasse poderiam se casar novamente em outro país, na Basílica de São Pedro, talvez..., mas, Maria estava irredutível - a situação não poderia ser tão ruim assim - argumentava ela. Além do mais se fosse para casar que nem uma pobre preferia ficar solteira.

Adamastor aquiesceu, mesmo sabendo que a dinheirama que gastaria poderia salvá-lo da bancarrota, resolveu fazer a festa, não queria decepcionar Maria. Correram todos os proclames, tudo estava praticamente pronto.

Dois dias antes do casamento, avisou que precisaria fazer uma viagem de negócios, retornaria a tempo para a cerimônia. Colocou o fraque na mala e partiu. Foi para uma antiga e pacata vila de pescadores.

Vinte e quatro horas antes da cerimônia dirigiu-se para a pequena Capela de São Pedro.

Trajando o fraque do casamento e sem portar documento algum. Confessou-se ao velho padre e antes de concluir a confissão quedou-se hirto. Infarto fulminante.

Dia seguinte, Catedral lotada, jornalistas, fotógrafos, orquestra sinfônica tocando marchas nupciais, quinze daminhas de honra, pétalas de rosas... e Maria, feito uma rainha, esperando sentada no banco da limusine.



Enquanto isso, bem longe dali, o noivo era enterrado como indigente no pequeno cemitério da Capela de São Pedro. O cortejo foi acompanhado pelo pároco, o velho coveiro e o louco da aldeia que adorava um funeral e solfejava feliz um réquiem clássico, bem à altura do elegante defunto.

## O SANTO

**N**a casa de Dona Chiquinha havia imagens de santos por todos os lados. Era uma casa que fazia o gênero mal-assombrado, não por causa das representações sagradas, mas porque a decoração como um todo parecia muito sombria e antiga, inclusive, em local de destaque, havia um postal que media quase um metro de altura com uma foto, em tom amarelo pálido, de seu falecido marido.



Para completar o clima exótico da casa, dona Chiquinha fez um oratório enorme que mais parecia uma capela em estilo gótico, com

direito a quatro bancos de madeira, vasos com flores de plástico, cujas cores eram praticamente indecifráveis e uns anjos esculpidos em madeira que mais pareciam caricaturas do teatro grego.

O pior é que quase todas as tardes eu estava ali, em meio àquela santidade toda, porque a neta de dona Chiquinha era minha colega de escola. E todas as vezes que eu ia estudar com minha amiga, para chegar até a biblioteca, obrigatoriamente passava naquele santuário. Ainda por cima, subia por uma escada escura, tipo caracol com degraus de madeira que rangiam a cada passo - um verdadeiro terror. Entretanto, algumas vezes quando a situação estava muito ruça na escola, rendia-me à santidade do lugar, me sentava num banquinho e desatava a rezar. Eram tantos santos, mas tantos santos que não dava para saber exatamente a quem pedir e acabava pedindo ao falecido.

Não é que um dia caí na besteira de inventar para dona Chiquinha que eu havia tirado nota 10.0 em Matemática, sem ter estudado nadinha, nadinha, só porque pedi fervorosamente ao retrato do falecido com muita fé, mas muita fé mesmo e aquele abençoado homem atendera ao meu apelo. Foi o suficiente. Dona Chiquinha saiu espalhando para a vizinhança e todo dia tinha reza; já estavam chamando o homem de santo e o pior, mudaram logo o 'milagre' e ao invés de eu ter tirado 10.0 numa simples prova, já havia sido curada de uma grave enfermidade da qual padecia desde a primeira infância.

A comoção foi geral, um verdadeiro Deus nos acuda: as carolas querendo me conhecer – por sorte eu morava em outro bairro – Dona Chiquinha querendo tirar foto minha ao lado do desbotado painel. A gata mimosa miando e roçando em minhas pernas. O pastor alemão uivando em plena tarde. O galo cantando sem ser de madrugada. Exercício de matemática para responder. E as carolas debulhando o terço tão rápido, mas tão rápido, mas tão rápido que até parecia latim. De repente quando a plateia se ajoelhou para rezar

com mais fervor, aproveitei um momento de distração e saí correndo ladeira abaixo, sem olhar para trás.



No dia seguinte ao chegar na escola, a colega me esperava no portão de entrada. Com uma carta na mão, falou solícita: - Temos problemas! Vovó escreveu ao Bispo, mandou colocar nos Correios, mas achei melhor te entregar. Acho que devemos rasgá-la. - Também acho – respondi de imediato – mas pensando bem, se a gente rasgar a carta, não chegará resposta e ela escreverá outra, ou pior, poderá ir pessoalmente falar com o Bispo. Será o meu fim.

- Tive uma ideia – falou minha colega – vamos responder em nome do Bispo.

E respondemos... A carta dizia mais ou menos assim:

*Ilustríssima Senhora,*

*A Paz esteja convosco. Infelizmente o prazo para dar entrada em pedido de beatificação, desta década, expirou mês passado. Portanto, daqui a nove anos e onze meses a senhora, caso ainda se lembre do milagre, envie-nos nova correspondência. Atenciosamente, o Bispo.*

\*\*\*

Trim, trim, trim... - Alô!

- Diz abençoada, tudo bem? Ainda estás tirando 10.0 em Matemática às custas de vovô?

Era a minha amiga, neta de dona Chiquinha, há anos não nos víamos.

- Que surpresa boa – respondi feliz – quem é vivo sempre aparece, não é mesmo? Que bons ventos te trazem?

- Bem, não sei se os ventos são exatamente bons ou ruins, mas... Precisamos responder outra carta em nome do Bispo.

## A ESTRADA

Essa é a história de Mariana, mulher enigmática que vivia com a cabeça na Lua. Passava a maior parte de seu tempo sentada no escalão de madeira que dava acesso ao pequeno terraço da casa. Ficava horas e horas embevecida, sabe-se lá com que pensamentos... É bem sabido que ela queria partir, não amava a sua terra, gostaria de percorrer o mundo, conhecer novos lugares. Várias vezes durante sua vida arrumou as trouxas e tentou fugir, sem êxito. Algo a prendia naquele lugar, mas não se sabe exatamente o quê.

Mulher de poucos sentimentos se casou com José, mas jamais o amou. Casou-se muito mais pela perspectiva de que ele a levaria para longe daquele lugar, mas não deu certo. Seu marido tinha verdadeira devoção por sua terra e preferia morrer de fome a ter que ir embora. Todos os dias acordava cedo, pegava água no poço; regava as plantas, alimentava e saciava a sede dos animais e sempre exibia um sorriso feliz; agradecido por ter o seu sítio, seu amado chão.



Os anos foram passando, passando e Mariana foi ficando, ficando... Tudo o que mais lhe agradava era olhar a estrada.

De qualquer lugar de sua pequena casa dava para avistar o estradão que seguia sem rumo conduzindo infinitos viajantes. Até quando parava na cozinha para desempenhar seu amargo papel de dona de casa, pensava em partir, mas não partia nunca; continuava ali, presa, plantada, enraizada. Apesar de jamais se queixar verbalmente, bastava vê-la para perceber sua insatisfação.



Muito mais tempo passou e Mariana não percebeu que seu marido estava muito doente – brevemente faria sua última viagem. Antes de partir, José tratou logo de vender o sítio e tudo que nele continha; exceto a pequena casa em que moravam na beira da estrada. Guardou o dinheiro em um saco de algodão, amarrou bem

forte com uma fita encarnada e fazendo uso de sua pouca habilidade na escrita rabiscou uma pequena carta testamento. Minutos antes de morrer, com as mãos trêmulas e suadas entregou-a à sua mulher, junto com a pequena fortuna.

Na carta estava escrito:

*- Para minha mulher Mariana que eu tanto amo e que tanto ama a estrada. Bem sabendo que você quer ir embora, vendi nosso sítio e aí está o dinheiro, agora podes viajar tranquila. Sei que se até hoje tu não partiu foi por amor a mim, mas agora tu pode ir minha querida, pois eu, muito a contragosto, sinto que estou indo embora. Longe de mim querer ainda te dar trabalho, mas preciso fazer um último pedido: se não for pedir muito, me enterra no terreiro de nossa casinha pra eu não ter que ficar longe de nosso chão.*

*Com amor, José.*

Ele a amava e enquanto ele a amava, ela espiava a estrada. Provavelmente pela primeira vez em toda a sua existência, aquela mulher de poucos sentimentos, chorou. Muito mais por remorso que propriamente por saudade. Mantivera-se sempre tão distante que a ânsia de partir privou-lhe de amar e não seria mais possível voltar atrás, a estrada da vida tem dessas coisas, geralmente os caminhos não têm volta.

Foi um enterro simples, bem de acordo com a simplicidade do lugar, pouco mais de dez pessoas, meia dúzia de galinhas e a cachorra vira-latas que feliz da vida, diariamente acompanhava seu dono até a lavoura e de uns tempos pra cá; desde a doença de José, quedara-se absorta na soleira da porta como se soubesse que brevemente perderia um grande amigo... Novamente Mariana não partiu, desta vez havia motivo, motivo muito forte... Não poderia abandonar José sozinho no meio do terreiro.

## ***A CASA DE MARGARIDA***

Bairro pobre. Periferia. A placa com o nome da rua há muito já não existia, mas sabe-se muito bem que se chamava Santo Alguma Coisa. A casa, meio taipa, meio alvenaria, degraus esculpidos na terra, margaridas e onze-horas plantadas no pequeno jardim, portãozinho estreito de madeira. Nenhuma janela, duas portas – a de entrada e a de saída. Nos dois quartos e banheiro; cortinas.

Cada quarto devia medir 2,0m x 2,0m – no máximo. Neles cabia apenas uma cama, um guarda-roupa com pés de tijolos e um monte de quinquilharias.

Do segundo quarto, pouco me lembro, mas o quarto de Margarida permanece muito vivo em mim.



Tudo era guardado naquele quarto: da feira do mês aos sonhos. Resquícios de um enxoval virgem, há muito desgastados pelo tempo. Carteira profissional, Frei Damião, colcha de retalhos, retalhos de vida; um relógio de pulso que não sabia das horas; um anel quase de ouro, bacia de alumínio, panos de prato, frasco vazio de perfume, Nossa Senhora de Fátima e um suave cheiro de saudades.

Lembro bem que havia uma cachorra: motivo de discórdia. A irmã de Margarida não gostava de animais, Margarida adorava; especialmente Curisca, uma cachorra esperta, amorosa e dócil que a acompanhava dia e noite pela casa. Cheia de energia, dava trabalho às pampas e todos os dias as irmãs brigavam. Mas, não fosse Curisca seria outra coisa; na realidade elas brigavam por tudo e por nada.



A sala e a cozinha ocupavam o mesmo vão, no quintal havia muitas plantas cultivadas em latas de doce, recipientes de margarina, jarros quebrados.

Havia também uma lavanderia, que ao que me consta, não funcionava. A água nunca chegava até a torneira porque a casa ficava numa espécie de barranco; o quintal era alto em relação ao jardim e a água, sempre muito fraca, jamais chegava até lá.



A casa de Margarida, que não era de Margarida, mas para mim era como se fosse; tinha tudo para ser uma casa triste. Pouca luz, paredes frias; mas naquele ambiente transbordava tanto amor e afeto que se tornava deveras acolhedor. Mesmo assim, jamais estive naquele lar sem sair de alguma forma melancólica.

Tempos depois, Margarida e sua irmã se mudaram para uma residência melhor, entretanto nunca me esqueci da antiga casa. Provavelmente, tenha deixado retalhos de minha vida por lá: casa fria, café servido em copo de geleia, pedaço de goiabada, piso de cimento queimado, bolacha Maria, meu olhar de criança e a criança que

Margarida foi um dia.

O novo e o velho conviviam harmonicamente naquele espaço. Somente hoje percebo que aos poucos, todos nós seres humanos, vamos costurando a colcha de retalhos de nossas vidas. Somos retalhos da colcha de alguns, linha e até agulha na de outros; seguimos sempre costurando. Fui retalho e tenho retalhos.

Há alguns anos Margarida concluiu sua colcha, enquanto eu, continuo por aqui confeccionando a minha.



## **A BRUXA**

Não há quem saiba precisar exatamente o que aconteceu com Gina, sabe-se que... Bem, comecemos esta história pelo princípio:



Gina, desde criança era meio dada a bruxarias, acreditava no poder da Terra, das ervas, da Lua, do pensamento. Gostava de rituais. Fazia a dança da chuva. Tinha uma atração muito especial pelos felinos, adivinhava coisas, presentia acontecimentos trágicos, quando sentia cheiro de morte era tiro e queda: alguém muito próximo morria.



Tentava sublimar seus poderes nas mais diversas atividades, entretanto, volta e meia sua vocação para a busca por assuntos misteriosos e desconhecidos do Universo, falava mais forte. Apesar desta intensa inclinação para magia, viveu simploriamente durante muitos anos de sua vida, trabalhava, estudava, namorava, ia ao teatro e ao cinema, passeava aos domingos, assistia novelas, bebia vodca com os amigos e jogava cartas.



Porém um dia Gina não apareceu para o trabalho, todos estranharam, em nove anos de empresa era a primeira falta. Telefone de casa não atendia. Celular desligado. Duas colegas de trabalho saíram um pouco mais cedo e foram até o apartamento de Gina: o porteiro interfonou. Ninguém respondeu.

- Mas eu tenho certeza de que ela não saiu – ele afirmava.

- Então interfone de novo – pediu Anita, uma das colegas.

O porteiro continuou insistindo, mas não obteve resposta. Resolveram subir e bater na porta, talvez o interfone estivesse com defeito. Bateram, bateram, mas também não obtiveram resposta.

- O jeito vai ser arrombar – determinou o porteiro.

- Eu acho que o senhor tem razão – concordou Articleuza, a

outra colega – É melhor agirmos rápido; ela pode estar doente, desmaiada ou coisa parecida.

Senhor Telófades, o porteiro, usou toda a sua força e arrombou a porta. O apartamento estava intacto, muito limpo e arrumado.

Ouvia-se uma música muito harmoniosa, embora o aparelho de som estivesse desligado, os móveis e todos os objetos exalavam um suave perfume de jasmim-laranja e um enorme caldeirão ebulia em plena sala de jantar, apesar de não haver chama alguma que pudesse aquecê-lo.



Anita saiu correndo em disparada, tinha pavor do desconhecido. Senhor Telófades apesar de possuir um nome meio mitológico, desmaiou de tanto medo.

Só Articleuza manteve-se firme e continuou procurando por

Gina, vasculhou cada centímetro do apartamento e nada, nenhum sinal, já ia ligar para a Polícia quando se aproximou um pouco mais do caldeirão e viu a face de Gina refletida.

Articleuza jura que ouviu a voz da amiga dizendo que estava muito bem e que resolvera partir rumo aos enigmas do Universo, pois suas dúvidas eram bem maiores que suas certezas. Disse também que se julgava simplória demais para fazer falta para quem quer que fosse.

E concluiu sua fala, pedindo à amiga que não deixasse ninguém apagar o caldeirão.



Articleuza foi afastada do trabalho, licença por tempo indeterminado, uns dizem que enlouqueceu, outros que foi enfeitiçada. Mas, independentemente do que uns ou outros acham, ela continua até hoje morando no apartamento de Gina... Vigiando o caldeirão.



# A CARTA

Estávamos eu e o meu amigo Beto jogando conversa fora quando ele tirou do bolso uma carta amassada e praticamente obrigou-me a ler. Na carta estava escrito:



Joana,

Estou indo embora. Durante todo o tempo em que estivemos juntos tenho certeza de que te fiz muito mais mal do que bem. Lembra daquela sua pequenina boneca de lã de alpaca, feita à mão, de turbante colorido, boquinha de carmim e que usava um vestidinho com listras coloridas? Fui eu quem jogou fora.

Não joguei por mal, joguei por ciúmes no dia em que descobri que aquela bonequinha era recordação de um seu antigo namorado. Sinceramente, Joana, que sacanagem! Como é que você pôde fazer uma coisa dessas comigo? Heim?



Se fosse um anel de brilhante, tudo bem, eu admitiria que você o conservava consigo pelo valor financeiro, mas uma boneca de lã possui um valor exclusivamente sentimental, nenhuma outra jamais será igual à sua. É pura arte, feita à mão, em noites de insônia, à tarde, pela manhã enquanto se vigia a panela do milho ou do feijão. Já imaginou quanta vida não vem em uma pequena boneca de lã? Já pensou quantos sonhos são sonhados enquanto uma mulher

transforma pedaços de lã e linha em uma linda boneca? E você certamente todas as noites agarrava-se à sua bonequinha e ficava recordando os momentos do passado, não era? Gostaria de saber por que você largou um cara tão sensível e reconhecedor da arte para ficar comigo, um pé-rapado cultural. Talvez um dia você me explique, porque agora não terei mais tempo para conversas e quando você estiver lendo esta carta eu já estarei bem longe...

Quer dizer, estarei e não estarei. Pra falar a verdade, verdade mesmo, ainda não tive coragem de jogar a boneca fora, escondi muito bem escondida porque a danada da bonequinha parece que me olha, meio de cima pra baixo, mas com uma certa delicadeza. Acho que ela quer me dizer que eu devo observar melhor as coisas simples do mundo. Pensando bem acho que podemos fazer um acordo, eu te devolvo a bonequinha e te dou um bonequinho do mesmo tamanho dela, daí você me perdoa e a gente faz as pazes. Nesse caso não, precisarei mais ir embora e ficaremos felizes da vida: eu, você e o casalzinho de lã. Você acha que eu estou ficando louco? Ou lúcido? Não precisa nem responder, aliás, não precisa nem mesmo ler esta carta, amanhã de manhã logo cedo chegarei à sua casa com os bonecos, um enorme buquê de rosas, uma caixa do seu chocolate preferido e direi que havia surrupiado sua bonequinha para poder encomendar um belo noivo para ela.

Boa noite, minha amada. Durma bem! Com amor, Beto.

- Será se ela vai compreender que não agi por mal? – perguntou-me Beto.

- Claro que vai – respondi – até mesmo porque, uma vez que a carta não será entregue, ela jamais saberá que você pretendia destruir a bonequinha.

- Hummm, é mesmo... Tens razão. - Respondeu-me Beto, suspirando aliviado. E saiu feliz da vida...

# O MENINO

**D**entre todas as brincadeiras existentes, o menino Carlos sempre preferiu empinar papagaio. Era motivo de êxtase observar aquele objeto de papel colorido, varinhas de folha de coqueiro e rabiola de plástico subir... subir.... subir... rumo aos céus; voando alto que nem passarinho, rumando para o sol, para as escassas nuvens de verão. Seguindo a direção do vento. Sonho de Carlos era poder voar com a pipa, ir para o céu. Queria ver Jesus, Nossa Senhora, Santo Anjo do Senhor... Papai do Céu. Queria fazer pedido.

- Mamãe – disse Carlos outro dia – Será se Deus atendia pedido meu? Pedindo de pertinho?

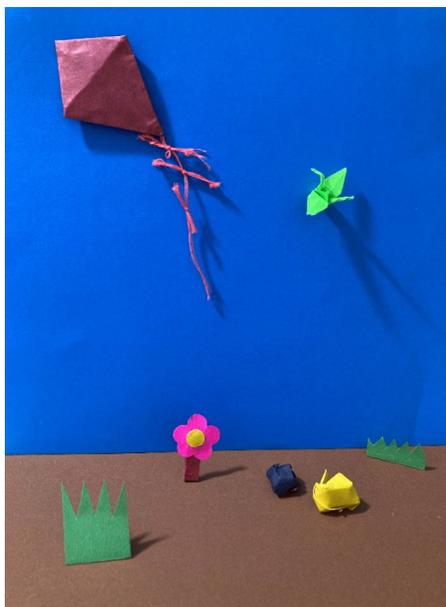
- Como assim meu filho? – Indagou sua mãe.

- Assim, mamãe – disse o pequeno – Eu fazendo uma pipa bem grande e forte e voando pro céu montado nela. Será se quando eu batesse na porta do céu, São Pedro abria?

A mãe sorria. Era danado de sonhador aquele menino.

- Não pense bobagens filhinho. Não dá para ir pro céu montado numa pipa. O céu é muito longe.

- Ah! Mãe, mas eu queria!... – resmungava com carinha de desapontamento.



- Afinal de contas, meu anjo, o que você quer tanto pedir? E por que não pede daqui da terra mesmo? Papai do Céu escuta.

- Escuta não mamãezinha, *mode* que eu já pedi, pedi, pedi e ele nem me ouviu.

- Então não desista. Continue pedindo com bastante fé que um dia ele atende. Agora vá dormir que já é tarde.

E o menino Carlos dormia. Mas antes de dormir rezava baixinho, uma rezinha apressada e singela que a mamãe sequer entendia.

Dia seguinte acordava feliz e rumava para o terreiro soltando sua pipa. Voltava pra casa bem perto da hora do almoço, rostinho corado pelo sol, suor na testa e sorriso bem estampado na face. Tomava banho no tonel, almoçava comidinha gostosa da mamãe e ia para o grupo escolar. Aprender os números e as letras.



Outro dia passou hora, e mais hora, e mais hora e o pequeno sonhador não voltava do terreiro. A mamãe chorou de preocupada. O pequeno caiu queda grande. Não escapava de jeito nenhum.

- Mamãezinha, Papai do Céu ouviu eu. Vai atender meu pedido.

E a mamãe que até então não sabia qual era o pedido do menino, perguntou-lhe suavemente:

- Afinal de contas, filhinho meu, o que você tanto pediu a Papai do Céu?

- Pedi para ser um anjo mamãe e tomar conta da senhora pra sempre.

No terreiro, uma pequena cruz, uma pipa bem colorida, muitas flores do campo e uma placa com a seguinte inscrição:

AQUI, VIVE E SONHA UM ANJO!

- Soubesse que era esse o pedido, não teria alimentado a fé de meu pequenino. - Repetia a mamãe aos prantos.



# CONSUMO ZERO



Era seu dia de sorte! - imaginou Petrônio. Iria levar Anete para um passeio de moto, seria o pontapé inicial para uma tarde inesquecível de amor. Há meses que os dois estavam de paquera, beijinho pra cá, beijinho pra lá. O único problema era a noiva de Petrônio, uma senhora super ciumenta e ainda por cima, meio metida a 'barraqueira'. Por isso resolveram passear longe, fora da cidade.

Foram para um município próximo, pararam defronte um Convento e começaram a namorar, antes mesmo que o namoro esquentasse, uma carola, soltando fogo pelas ventas informou aos pombinhos que ali não era lugar para agarramento.



Petrônio, como quem não quer nada, propôs que fossem a um lugar mais tranquilo onde não seriam vistos por ninguém e pudessem ‘conversar’ em paz. Anete concordou. Voltaram para a cidade e foram para um hotel. Chegando lá, conversaram... conversaram. Anete contou algumas piadas, Petrônio sorriu. Petrônio contou histórias de sua vida, Anete ouviu. O tempo foi passando, as conversas foram diminuindo, os beijos foram aumentando e Petrônio quis avançar o sinal, mas Anete não concordou.

- Você me convidou para conversar! – afirmava ela.

- Eu sei, meu bem. – insistia Petrônio – Mas já que estamos aqui...

- Já que estamos aqui, nada! Ralhava Anete – Eu vim para conversar e vou conversar e pronto!

- Tudo bem – concordou Petrônio, muito a contragosto. – Você

quem sabe. Depois não se arrependa.

- Nem se preocupe que eu não vou me arrepender. E por favor não insista. Você sabe que eu só vim para este lugar porque confio em você. Por favor não me decepcione! Enquanto você não colocar um ponto final no seu noivado e assumir um relacionamento sério comigo; não haverá nada mais íntimo entre nós. Obviamente que Petrônio, como bom cavalheiro, e apaixonadíssimo por Anete; não iria insistir em um assunto desses. Continuaram conversando e namorando muito comportadamente durante todo o período de permanência no hotel. Na hora da saída quando foram acertar as contas na recepção, a recepcionista perguntou a Petrônio:

- Houve consumo senhor?

E Petrônio, não conseguindo conter o riso, respondeu alto e euforicamente: - Não! De jeito nenhum. Não senhora, ninguém aqui consumiu nada, nadinha... nadinha. Consumo zero. Absolutamente zero!

## Sobre o livro

<b>Projeto gráfico e capa</b>	Erick Ferreira Cabral
<b>Fotos</b>	A autora
<b>Impressão</b>	Gráfica Universitária da UEPB
<b>Formato</b>	15 x 21 cm
<b>Mancha Gráfica</b>	10 x 15 cm
<b>Tipologia utilizada</b>	Adobe Garamond Pro 11/13 pt
<b>Papel</b>	Pólen 75g/m <sup>2</sup> (miolo) e Cartão Supremo 250g/m <sup>2</sup> (capa)

Sendo este o meu primeiro livro publicado, não poderiam faltar fotografias. Fotografias feitas em horinhas de isolamento e pequenos cenários montados na mesa de jantar, que há meses não é posta para as refeições em família, resultaram na ilustração de Vinte Contos, de Amor, Humor e Dor. Impossível descrever em poucas linhas tudo o que transferi para este livro, escrevê-lo não foi um desafio; foi praticamente uma catarse, um grande e precioso processo terapêutico. De repente, saltitar entre os Contos de Amor, Humor e Dor me fez compreender um pouco melhor a realidade; afinal, assim é a vida - complexa, inconstante, cômica e por vezes suave. Tanto os personagens, quanto os contos, vagueiam entre a fantasia e a realidade; alguns, facilmente identificáveis, outros nem tanto. Enfim, Vinte Contos de Amor, Humor e Dor nada mais é do que o fruto da imaginação e das prováveis lembranças dessa aprendiz de escritora.